São Paulo, segunda-feira, 25 de junho de 2007 Folhateen

Próximo Texto | Índice

literatura

Rota da liberdade

"On the Road", considerado a "bíblia dos mochileiros", completa 50 anos e continua fazendo a cabeça de jovens

Associated Press



O escritor Jack Kerouac

CARLOS MINUANO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Sair e viver ou ficar e apodrecer?
O escritor americano Jack Kerouac (1922-1969) escolheu a primeira opção e lançou-se em uma série de viagens que mudou não apenas a própria vida mas a de várias gerações.
Cansado da mesmice, cruzou os EUA de carona em carros, ônibus e vagões de trem. Logo depois, deu vida à obra-prima que abriu caminho para uma nova literatura e a outras formas de pensar o mundo.
"On the Road", clássico que fala sobre estradas e liberdade, completa agora 50 anos e continua fazendo a cabeça de jovens sintonizados com o espírito libertário do autor.
Para o estudante Pedro Ivo, 16, a magia anárquica de Jack Kerouac foi

mais forte que a de Harry Potter.
Depois que devorou "On the Road" em três dias, as aventuras do aprendiz de mago não saíram mais da gaveta. O livro de Kerouac foi indicado por um amigo, mas Pedro conta que a identificação foi instantânea.

Ânsia por liberdade
"A impulsividade dos personagens foi o que mais me atraiu, a ânsia deles por liberdade, e o melhor é que tudo veio de uma experiência real, no fundo não é ficção", conta o estudante.
Pedro não parou por aí. Ele buscou outros autores do movimento beatnik, como Allen Ginsberg e Neal Cassady, além de ícones da literatura marginal como o beberrão Charles Bukowski.
A paixão de Ivo por esses livros acabou influenciando a amiga, também estudante, Valéria Esther, 18.
Para ela, o guru das estradas deixou verdadeiras lições de vida: "Ele me ensinou um bocado sobre desapego, que não precisamos de muito para ser feliz, que ter amigos de verdade é mais importante".
A estudante conta que vai esperar o amigo completar 18 anos para irem juntos para a estrada, acampar, subir montanhas e, assim como os velhos beatniks, desbravar novos horizontes.

"Loucos para viver"
Em busca da sonoridade das estradas, Kerouac andou entre vagabundos, intelectuais e figuras comuns, as pessoas que realmente lhe interessavam.
Segundo ele, essas pessoas eram "os loucos para viver, falar, serem salvos, que querem tudo ao mesmo tempo, nunca bocejam e jamais dizem coisas comuns".
"On the Road", ou "Pé na Estrada", na tradução brasileira, foi um soco no estômago da literatura americana da época, moralista e obtusa. A força subversiva da obra se faz notar nas influências que projetou ao longo de décadas.
Reza a lenda que Bob Dylan botou o pé na estrada depois de ler e que Jim Morrinson criou os "Doors". E as vidas de Neil Young, Bono e do

ator Johnny Depp, entre outros, não seriam as mesmas sem o livro.
Para o cineasta Walter Salles, que prepara filme inspirado no clássico beat, sem Kerouac e sua turma, avanços da década de 60 como a revolução sexual, a expansão da mente através das drogas, a busca por religiões alternativas e as primeiras preocupações ecológicas não seriam possíveis. "A geração beatnik foi um grito de liberdade contra uma forma binária de pensar o mundo: o certo e o errado, o bom e o mal".

Mudanças na vida

Dezenas de comunidades no Orkut, centenas de sites na internet e milhares de cabeças navegando na onda do pai dos beats. Na vasta tribo de seguidores virtuais, uma questão aparece: as mudanças que o livro provocou na vida do leitor.
Mito ou verdade, histórias não faltam. Saulo de Andrade, 23, leu a bíblia hippie aos 15, após descobrir que o ídolo Jim Morrinson havia bebido na mesma fonte. Depois, sua vida não foi mais a mesma.
Saulo conta que, de repente, o velho mundo em sua volta já não parecia o mesmo. "Comecei a questionar tudo e percebi que nem sempre o que a sociedade nos impõe como verdadeiro é real, e vice-versa".
Alguns anos depois, sua vida ainda lembra o universo beat. Apesar de estudar administração, mergulhou de cabeça nas artes, toca 12 instrumentos -da cítara indiana a kalimba africana- e se diverte sempre que possível com suas pinturas psicodélicas inspiradas pela atmosfera beatnik.
Para Saulo, a mensagem de Kerouac é bem clara: "Seja você mesmo!".

Próximo Texto: Obra foi escrita em um rolo de telex em três semanas
Índice



São Paulo, segunda-feira, 25 de junho de 2007 Folhateen

Texto Anterior | Próximo Texto | Índice

Obra foi escrita em um rolo de telex em três semanas

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A obra-prima que transformou Jack Kerouac em um mito foi escrita de forma alucinada em três semanas do ano de 1951 em um rolo de papel para telex de 40 metros. "On the Road", no entanto, foi recusado por várias editoras, e esperou alguns anos até ser, finalmente, publicado, em 1957. Depois, ficou durante várias semanas na lista dos mais vendidos, foi traduzido para vários idiomas e já vendeu milhões pelo mundo todo.

O processo diferenciado de criação fazia parte do plano subversivo do escritor: libertar a escrita das amarras acadêmicas e torná-la fluida, como um solo improvisado de jazz. "Kerouac arrancou as pantufas da literatura, levantou-lhe a barra da saia e a levou para dar uma voltinha na lama do acostamento", diz Eduardo Bueno, tradutor da edição brasileira.

Na história, camuflada de ficção, o personagem Sal Paradise, alter ego de Kerouac, narra suas andanças em busca da América desconhecida ao lado de Dean Moriarty, inspirado no companheiro de viagens, Neal Cassady. A quilômetros do "american way of life", alternando-se em bicos diversos para driblar a falta de grana, a dupla acaba

descortinando a face marginal americana.
Incluindo "On the Road", o rei dos beats escreveu ao longo de sua carreira turbulenta 23 livros. Kerouac morreu em 1969, aos 47, com a cabeça e o fígado em frangalhos devido ao abuso do álcool, imerso em solidão e decadência. Por ironia, dando de ombros para a revolução que semeou.
Ao lado de "On the Road", dois livros mudaram a face da literatura americana. "Uivo" de Allen Ginsberg [ed. L&PM], lançado em 1956, marca o nascimento do movimento beatnik. O livro, considerado obsceno, chegou a ser apreendido pela polícia. Melhor para Ginsberg, que depois viu a obra vender milhões de exemplares.
O outro clássico chama-se "Almoço Nu", de William Burroughs [Ediouro]. Nele, autor e obra se confundem em uma trama bizarra que mistura insetos gigantes, islamismo, drogas e viagens insólitas à África. O texto alucinado e a vida transgressora fizeram de Burroughs guru de hippies e punks. **(CM)**

Texto Anterior: Literatura: Rota da liberdade
Próximo Texto: Literatura: Walter Salles também pega carona
Índice

Copyright Empresa Folha da Manhã S/A. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folhapress.

UOL | ASSINE | BATE-PAPO | BUSCA | E-MAIL | SAC | SHOPPING UOL
FOLHA DE S.PAULO | ÍNDICE GERAL

FOLHANEWS mobile Assine e receba no seu celular o FolhaNews SERVIÇO TARIFADO
Operadora: Cel. (ex.: 1100000000): Palavras sugeridas: OU Personalizada: Enviar

São Paulo, segunda-feira, 25 de junho de 2007 Folhateen

Texto Anterior | Próximo Texto | Índice

literatura

Walter Salles também pega carona

Cineasta brasileiro refaz as loucas viagens de Jack Kerouac para filmar documentário sobre o livro "On the Road"

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Depois de "Diários da Motocicleta", longa-metragem baseado nas andanças do revolucionário argentino Ernesto "Che" Guevara pela América Latina, o cineasta Walter Salles volta à estrada e prepara-se para filmar o livro "On the Road" ("Pé na Estrada", na tradução brasileira), de Jack Kerouac.
Para esquentar os motores, o diretor de "Central do Brasil" refez as rotas que estão descritas no livro e encontrou-se com escritores do movimento beatnik. O resultado será um documentário que tem lançamento previsto para este ano. Por e-mail, Salles conversou com o Folhateen. **(CARLOS MINUANO)** ★

FOLHA - Como você se preparou para filmar "On the Road"?
WALTER SALLES - Eu senti que a única maneira de realizar uma adaptação que fizesse justiça a Jack Kerouac seria fazer um

documentário em busca de "On the Road". Com uma pequena equipe, peguei a estrada e entrevistei escritores da geração beat e gente como Lou Reed e David Byrne, influenciados por Kerouac. Foi uma verdadeira viagem iniciática.

FOLHA - Para você, qual o recado essencial da geração beatnik?
SALLES - A possibilidade de redefinir a vida, ainda que caminhando na contramão do que lhe disseram para fazer. Os beats colidiram frontalmente contra a cultura americana do medo nos anos 50. Aliás, a era Bush não é diferente, por isso o livro me parece tão atual.

FOLHA - O que mais lhe marcou ao refazer as rotas de Jack Kerouac?
SALLES - O processo de libertação. Na estrada, você fica aberto ao desconhecido, às possibilidades a sua volta, esquecendo-se das limitações do dia-a-dia. Difícil é encontrar cantos não homogeneizados pela cultura dominante.
Nos EUA, você encontra McDonald's e Wal-Mart a cada 20 km. O jeito é sair das estradas principais e pegar caminhos alternativos.

Texto Anterior: Obra foi escrita em um rolo de telex em três semanas
Próximo Texto: Da peregrinação hippie ao piercing pós-punk
Índice

Copyright Empresa Folha da Manhã S/A. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folhapress.